



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III, GUARABIRA
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS**

BRUNA ARIEL DE SOUZA ARAÚJO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM “MARIA”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

**GUARABIRA
2021**

BRUNA ARIEL DE SOUZA ARAÚJO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM “MARIA”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Graduação em Letras, da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras, com habilitação em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Literatura Brasileira

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A234r Araujo, Bruna Ariel de Souza.
A representação da mulher negra em "Maria", de
Conceição Evaristo [manuscrito] / Bruna Ariel de Souza
Araujo. - 2021.
19 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2021.

"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva
, Departamento de Letras - CH."

1. Maria. 2. Representação da mulher negra. 3. Racismo.

I. Título

21. ed. CDD 323

BRUNA ARIEL DE SOUZA ARAÚJO

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM “MARIA”, DE
CONCEIÇÃO EVARISTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Programa de Graduação em Letras, da
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB),
como requisito parcial à obtenção do título de
Graduada em Letras, com habilitação em
Língua Portuguesa.

Aprovado em: 28/05/2021.

BANCA EXAMINADORA

Rosângela Neres A. Silva

Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Maria Suely da Costa

Profa. Dra. Maria Suely da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Clara B. de Almeida Vasconcelos

Profa. Ms. Clara Mayara de Almeida Vasconcelos
Universidade Federal da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, família, amigos e a todas as mulheres negras que tiveram suas vidas tiradas a “faca a laser”, a todas as Marias e a Marielle, PRESENTE! DEDICO.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	6
2	O CONCEITO DE IDENTIDADE FEMININA.....	7
2.1	Identidade negra na literatura afro-brasileira.....	9
2.2	Lugar de fala e literatura de resistência.....	12
3	CONCEIÇÃO EVARISTO: O OLHAR SOBRE A MULHER NEGRA.....	15
4	MARIA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL.....	16
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	19
	REFERÊNCIAS.....	20

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA EM “MARIA”, DE CONCEIÇÃO EVARISTO

REPRESENTATION OF BLACK WOMEN IN “MARIA”, BY CONCEIÇÃO EVARISTO

Bruna Ariel de Souza Araújo¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa evidencia a representação da mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo, da obra *Olhos d’água*, a fim de demonstrar a realidade da mulher negra no Brasil, tal como a sua marginalização, e a máscara do silêncio imposta pela sociedade e seu racismo maquiado. Para tanto, este trabalho está fundamentado nos estudos de Duarte (2011), Ribeiro (2017), Shilling (1991), Akotirene (2019), dentre outros. A importância da afirmação de uma vivência, através da escrita de maneira a demonstrar resistência ou como a própria Conceição Evaristo emprega em suas falas sobre sua “escrevivência”. Dessa forma, o texto agrupa conceitos e estudos sobre racismo, identidade, cultura e resistência, de modo a identificar, a partir do conto analisado, que tragédias como a de Maria não são apenas um número de estatística. Para tal pesquisa qualitativa, através de uma verificação teórica como Conceição Evaristo (2009; 2014), Djamila Ribeiro (2014; 2017), Eduardo Assis Duarte (2011), Stuart Hall (2006), como fundamentação à pesquisa.

Palavras-chave: Maria. Representação da mulher negra. Racismo.

ABSTRACT

The present article has as object of research the representation of the black woman in the short story Maria, by Conceição Evaristo, from the work “Olhos d’Água”, in order to demonstrate the reality of black women in Brazil, as well as their marginalization, and the mask of silence imposed by society and its disguised racism. Also, the importance of affirming an existence, through writing in order to demonstrate resistance or as Conceição Evaristo uses in her speeches about her writing “*escrevivência*”. The text was developed through studies on racism, identity, culture and resistance, so that we can identify from the analyzed short story, that tragedies such as Maria's, are not just a statistical number. For such qualitative research, through a theoretical verification with Conceição Evaristo (2009; 2014), Djamila Ribeiro (2014; 2017), Eduardo Assis Duarte (2011), Stuart Hall (2006), as a foundation for the research.

Keywords: Maria. Representation of black women. Racism.

¹ Graduanda em Letras Português pela Universidade Estadual da Paraíba, brunaariel.s.a@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

O conto “Maria”, escrito pela autora Conceição Evaristo, publicado em 2014 no livro “Olhos d’água”, que reúne no total 15 contos da literatura afro-brasileira, relatando vivências através da memória, a fim de abordar questões cotidianas de mulheres negras no nosso país. Cada conto trata de uma personagem diferente e situações carregadas de sentimento e de cicatrizes que se ligam a um contexto histórico que ainda advém do período escravista. Alguns contos estão inseridos na série Cadernos Negros, série literária da década de 1980, produzidos por autores negros e periféricos, do grupo Quilombhoje.

Maria, mulher negra, solteira, mãe de três filhos e empregada doméstica, vivendo do pouco salário e de sobras da “patroa”, o peso de sua realidade, vem à tona quando está voltando para casa, e tem sua vida cortada a “*faca a laser*” por uma sociedade racista. Um enredo de muitas memórias, dor e sentimento. A personagem que na maioria do enredo possui diálogos psicológicos é mais uma vítima do racismo, quando se depara com um assalto no ônibus que a conduzia todos os dias para a volta de casa, seu diálogo psicológico é interrompido quando ela reconhece que um dos assaltantes é o pai dos seus filhos, mas que apesar das escolhas de rumo da vida de ambos, ainda existia sentimento e principalmente respeito, aos poucos segundo de diálogo com o pai dos seus filhos, ainda sim de cabeça baixa, ao poupá-la do assalto como resultado da demonstração de afeto mesmo que íntima, seguiu em um triste fim, quando Maria foi acusada de ser cúmplice dos assaltantes e teve sua vida retirada da forma mais brutal e desumana devido ao estereótipo, racismo e pela brutalidade do ser humano, Maria dentre tantas em nosso país, tornou-se mais um número em estatística. Conceição Evaristo ecoa a voz das nossas Marias e destrói a máscara imposta a tantos anos de silenciamento, mostrando a realidade através da sua literatura.

O trabalho perpassa por alguns conceitos como lugar de fala, o qual é explorado através de estudos da obra Lugar de fala de Djamila Ribeiro (2017), afim de uma compreensão mais densa, quando nos voltamos para a literatura afro-brasileira, como espaço de representação, a mesma passa por muitos embates, vários autores debatem sobre a produção literária, a escrita de autores negros sobre suas memórias e também traços históricos culturais de seus povos, onde inicialmente foi um âmbito masculinizado por muito tempo, mas que ao decorrer dos anos esse espaço foi preenchido por mulheres, que ganharam voz ativa nas produções literárias. Um dos termos utilizados foi o de “*escrevivência*” por Conceição Evaristo para definir sua escrita de modo geral, sendo assim referência por suas vivências e relatos que foram apresentados a mesma durante sua vida.

O presente trabalho foi desenvolvido na seara da literatura afro-brasileira, afirmação de raça, cultura, identidade e resistência através da escrita, onde torna-se um campo de representatividade, lugar de fala, espaço de representação, luta e autoafirmação, para isso, está fundamentado em vozes femininas como Conceição Evaristo (2014), Djamila Ribeiro (2014 e 2017), Lélia Gonzáles(2020), Sueli Carneiro(2017), como referências fortes e evidentes de uma vivência própria, focando através do conto abordado. Para complementar assuntos abordados como resistência e memória citamos Flávia Shilling, contamos também com a diferença de feminismo negro e feminismo, lugar de privilégio e de opressão e a pluralização das vozes sejam elas de modos passivos ou ativos.

Como objetivo central do trabalho de conclusão de curso a ser aplicado é a importância da escrita feminina negra e a identidade da mesma na literatura afro-brasileira, abordagens de lugar de fala e espaço de representação, feminismo negro, racismo no Brasil. A compreensão de tais importâncias torna-se a meta a ser alcançada através desse trabalho, alguns âmbitos linguísticos e sociais a serem distinguidos que já foram citados anteriormente, sendo eles analisados através do pensar, agir e da fala.

2 O CONCEITO DE IDENTIDADE FEMININA

O conceito identidade é particularmente denso e variável, de acordo com algumas perspectivas é relacionado principalmente ao âmbito social em que o indivíduo está inserido, temos aqui conceitos importantes, como os de Stuart Hall, o qual subdivide o conceito de identidade em três situações sejam elas em o sujeito do iluminismo, que parte do estudo do homem como um indivíduo em aspectos centralizados, também divide em sujeitos sociológicos e pós moderno, onde respectivamente a identidade a partir do social do indivíduo em seu “mundo interno e externo”, e na pós modernidade a identidade definida historicamente e não biologicamente. Hall nos afirma que essa construção acerca da identidade sofre de alguma maneira uma crise em vários eixos no final do século XX:

Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas no final do século XX. Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideias que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (Hall, 2006, p.9)

Mulher é sinônimo de força e garra, ao contrário do que algumas ideologias pregam, não há um sexo frágil e sim um símbolo de resistência. Mulher é aquela que espera o ônibus todos os dias para ir ao trabalho, que luta todos os dias pelo alimento da família, está na sala de aula transmitindo conhecimento, aquela que foi tão marginalizada, submissa, queimada viva, torturada, abusada em diversos sentidos, aquela que teve seu corpo violado, aquela que foi silenciada de tantas formas, mas ainda sim aprendeu a lutar, mesmo que vidas fossem perdidas, para que sua voz se perpetuasse na história.

A luta feminina ou a subjugação da mulher em sociedades falocêntricas/ androcêntricas, o que foi aprofundado com o colonialismo. Fato que também fez com que essa estrutura de organização social fosse incorporada por outras sociedades, especialmente as colonizadas pelos europeus a partir de meados do século XVIII. Aos poucos, temos mulheres trabalhando em fábricas, mas que ainda recebem menos, trabalhando mais, e sem direito a opinar, onde a cultura do silenciamento ainda se perpetuava. É importante frisar que essa luta que surge evidenciada ao século XIX, não deixa de haver segregação no próprio movimento, pois a questão do movimento feminista que possui diferença ao feminismo negro, luta pela igualdade de direitos em uma sociedade sexista e de origem patriarcal como já foi citado. Ao passar do tempo, a importância de ocupar espaços tornou-se possível uma desconstrução do corpo que era dado como frágil, as mulheres ganharam espaço, como na arte, literatura, em diversos ambientes de trabalho, e principalmente na política, o que fez o movimento ganhar forças, assim podendo construir uma identidade, seja ela de gênero, raça e religião.

A literatura foi um espaço de exclusão para as mulheres por muitos anos, por uma sociedade sexista, que impôs uma hierarquia patriarcal. As mulheres por sua vez, possuíam sua representação sexualizada, seu corpo era significação de prazer, abuso, submissão e menosprezo. Quando voltamos nosso olhar para a mulher negra, torna-se evidente cada vez mais situações como essas.

A importância de um falar sobre si, marca a figura da mulher negra na literatura. Esse espaço de representação é um grito de uma voz que foi calada e deslegitimada por anos. A representação da mulher negra na escrita, não vem apenas para uma construção de um espaço representativo, mas para uma busca de humanização, uma quebra de silêncio para um corpo, uma raça, um ser com uma trajetória marginalizada, Douglas Rodrigues, em seu artigo “*A mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira*”, pontua sobre:

Discutir sobre a mulher negra no contexto da literatura afrobrasileira é percorrer duas vertentes: a primeira, a das próprias mulheres negras que produzem literatura, e ao tempo que assim o fazem se reescrevem na história; e, a segunda, a da representação dessas mulheres na literatura. De todo modo, é entender quem são, o que produzem e como se comportam mediante as relações de gênero e etnicidade que lhes são impostas no contexto dessas produções [...] (DOUGLAS, 2015, p.77)

Na literatura, a mulher é retratada em dois aspectos, seja ela em papéis representativos ou de autorrepresentação. Esses aspectos caracterizam a escrita e buscam a legitimação de sua identidade, o espaço literário é palco de voz. Esses dois aspectos elevam-se principalmente na literatura afro-brasileira. Hoje contamos com vários escritores e escritoras negras, onde usam da sua escrita para humanizar, buscam retratação, instigam a rever padrões que foram impostos durante séculos, e ocupam seus espaços de direito. Em complemento, Rodrigues aborda sobre essa afirmação no âmbito da literatura:

A propósito da busca e afirmação dessa identidade feminina, por meio da linguagem literária (poesia), adiante elencamos alguns textos que apresentam algumas poetisas negras contemporâneas que vêm produzindo no atual contexto da literatura afrobrasileira e que por meio de suas produções têm conquistado novos espaços e instigado uma revisão de conceitos sobre o sujeito negro feminino brasileiro. (RODRIGUES, 2015, p. 85).

Através dessa literatura passos na história deram passos importantes. Como citado, o movimento feminista, onde ele vem de embate com o machismo, em o homem submete a mulher a uma posição inferior. Alguns termos como lugar de fala, espaço de representação e até a própria representatividade, entram em pauta para que se tenha um espaço pluralizado, mais adiante iremos poder compreender os termos aplicado às lutas.

Todas essas lutas e bandeiras que se erguem foram movidas através do empoderamento feminino, o termo é utilizado para fortalecer as mulheres de forma isolada. Uma frase marcante que faz jus ao empoderamento e ao feminismo é “We can do it”, termo foi usado no período da Segunda Guerra Mundial, para incentivar as mulheres a trabalharem. Djamila Ribeiro faz apontamentos sobre o empoderamento feminino a partir de estudos de Bell Hooks:

Logo o empoderamento nessa perspectiva significa o comprometimento com a luta pela equidade. Não é a causa de um indivíduo de forma isolada, mas como ele promove o fortalecimento de outros com o objetivo de alcançar uma sociedade mais justa para as mulheres. É perceber que uma conquista individual não pode estar descolada da análise política. (RIBEIRO, 2017, p. 135)

Um termo chave e importante é o da interseccionalidade, para entender que as lutas são múltiplas, que exista um elo que as une, principalmente o de gênero por se tratar especialmente do feminismo em questão. É compreender que existem particularidades individuais em cada mulher, seja ela uma mulher branca ou negra, heterossexual ou LGBTQIA+, entre outras particularidades.

O conceito e o termo surgem em 1989, por uma jurista negra, chamada Kimberlé Crenshaw. Em seu artigo *Demarginalizing the intersection of race and sex*, o termo foi inspirado por uma história que Kiberlé leu, sobre uma mulher que teve emprego negado em uma concessionária porque além dela ser mulher, era negra. O termo desde então é utilizado para promover intervenções nas questões políticas, estruturais, etc. acerca do feminismo negro,

o mesmo não deslegitima o feminismo branco, mas elucida a luta contra o sexismo e racismo, como pontua Carla Akotirene em seu livro “Interseccionalidade”:

A inalterabilidade do feminismo branco, movimento antirracista e instâncias de direitos humanos, se deve ao fato destes, absolutamente, encontrarem dificuldades metodológicas práticas na condução das identidades interseccionais. Sensibilidade analítica – a interseccionalidade impede reducionismos da política de identidade – elucida as articulações das estruturas modernas coloniais que tornam a identidade vulnerável, investigando contextos de colisões e fluxos entre estruturas, frequência e tipos de discriminações interseccionais. (AKOTIRENE, 2019, p.35)

Essa intersecção é o caráter de extrema importância, na luta de desconstrução social, antirracista, contra o sistema que deriva de uma sociedade com traços coloniais e que carrega um peso histórico por desumanizar uma raça que sofreu e sofre há séculos, nos permite que os estudos e embates sobre o feminismo negro seja pautado e legitimado por suas lutas, compreender e aceitar que múltiplas diferenças existem, que não podemos resumir ao termo ser mulher para caracterizar um indivíduo fenotipicamente. Precisamos entender que existem as várias particularidades de cada mulher e que suas lutas podem ser iguais ou diferentes, sempre tendo como base seu lugar social. É poder enxergar os vários pontos de vista e compreendê-los, buscar uma representação e poder ocupar espaços de poder.

2.1 Identidade negra na literatura afro-brasileira

Quando retratamos a identidade negra na literatura afro-brasileira especificadamente, podemos observar a necessidade de uma afirmação de raça², na qual busca por igualdade, visibilidade e respeito, a mesma torna-se então uma construção histórica social, política e social, como Gomes pontua em estudos sobre relações raciais:

A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial, sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina aos negros, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo é um desafio enfrentado pelos negros e pelas negras brasileiros(as). (GOMES, 2005, p. 43).

O centro da literatura negra no Brasil nos traz duas vertentes a de desigualdade e de segregação em tantos âmbitos sociais, através da realidade do negro no país, em uma sociedade que por mais miscigenada, ainda sim existe um racismo em evidência em decorrência de uma herança colonial, e em outro momento nos traz a perspectiva de espaço de resistência, busca por uma humanização, reparação histórica e afins.

Essa herança colonial relaciona-se ao comportamento da sociedade perante ao próximo, onde a mesma põe o homem branco como o centro de poder, considerando uma raça superior as outras no período da colonização, a partir disso enfrentamentos como violência moral, física, etc. Ocuparam vários espaços inclusive na própria literatura.

² Conceito de raça segundo o Dicionário Aurélio Conjunto de indivíduos cujos caracteres somáticos, tais como a cor da pele, a conformação do crânio e do rosto, o tipo de cabelo, etc., são semelhantes e se transmite por hereditariedade, embora variem de indivíduo para indivíduo. Ou como uso restrito da Antropologia, referente a cada uma das grandes subdivisões da espécie humana, e que supostamente constitui uma unidade relativamente separada e distinta, com características biológicas e organização genética próprias. (FERREIRA, 1999. P.1965)

Podemos assim voltar ao século XX, com a grande onda do movimento negro em evidência, percebemos a literatura voltada ao negro no Brasil, vários questionamentos foram levantados por conta da cor dos autores, pois se tratavam de dois tipos de literatura negra, aquela que falava sobre o negro – escrita por brancos-, e a fala negra – escrita por autores negros. Os movimentos negros no Brasil deram-se a partir da década de 1970, influenciados pelos movimentos da África e dos Estados Unidos da América, os quais lutavam contra o fim da segregação racial e contra o racismo, uma grande referência foi Rosa Parks, mulher negra e ativista, que foi presa por se recusar a ceder seu lugar no ônibus para um homem branco, em Montgomery, no estado do Alabama, em 1955. A partir desse marco, aconteceram várias manifestações em busca de direitos civis. Parks que ficou reconhecida como “mãe dos movimentos civis nos EUA”, teve como aliado Martin Luther King Jr., Pastor e ativista que lutou pelo direito de voto e o fim da segregação racial, seus discursos de poder foram de grande importância e de tamanha representação para os movimentos negros intitulado, um dos mais conhecidos é “I have a dream”.

No Brasil, o MNU (Movimento Negro Unificado), fundado em 7 de julho de 1978, reuniu grandes nomes como Lélia Gonzales e Abdias do Nascimento, a fim de lutar contra um racismo escancarado. O MNU saiu de debates para as ruas, por veículos de comunicação em grandes jornais como “Folha de São Paulo” e “Estadão de São Paulo”, dando espaço para grandes discussões e aberturas de diálogos com futuras alianças, a fim de aumentar a onda do movimento negro no país, segundo o portal do Geledés – Instituto da Mulher Negra- que tem como fundadora Sueli Carneiro. Esse ato proporcionou alianças com movimentos esquerdistas do país que lutavam pelo socialismo e comunismo, que entravam em conflito ao capitalismo, utilizando como argumento a escravidão no país.

Vários grupos lutaram e lutam até os dias atuais, por um espaço de representação, no qual um deles é a literatura. Na década de 1980, segundo Duarte, assume-se um pertencimento na ocupação daquele espaço cultural, a fim de uma reparação e formas de resistir e existir. Na busca por igualdade e um grito de alerta contra o racismo, Bernd aponta a importância desse espaço literário em prol da resistência:

A montagem da poesia negra faz-se a partir da (re)conquista da posição de sujeito da enunciação, fato que viabiliza a re-escritura da História do ponto de vista do negro. Edificando-se como espaço privilegiado da manifestação da subjetividade, o poema negro reflete o trânsito da alienação à conscientização. Assim, a proposta do eu lírico não se limita à reivindicação de um mero reconhecimento, mas amplifica-se, correspondendo a um ato de reapropriação de um espaço existencial que lhe seja próprio. (BERND, 1988, p. 77)

Os Cadernos negros foram uma série de produções literárias criado pelo grupo Quilombhoje em 1978, o qual proporcionou que os escritores negros pudessem escrever sobre a suas opiniões e vivências, até 2017. Segundo dados do portal Quilombhoje, deu-se espaço não apenas para a literatura afro-brasileira como também para a literatura periférica, ecoando vozes por todos os lados do país. O grupo Quilombhoje contou inicialmente com Cuti, Oswaldo de Camargo, Paulo Colina, Abelardo Rodrigues e outros; o grupo foi apenas legitimado na década de 1980, a fim de promover discussões sobre literatura afro-brasileira, onde as reuniões aconteciam em um bar chamado Mutamba, hoje extinto.

Desde a década de 1980, a produção de escritores que assumem seu pertencimento enquanto sujeitos vinculados a uma etnicidade afrodescendente cresce em volume e começa a ocupar espaço na cena cultural, ao mesmo tempo em que as demandas do movimento negro se ampliam e adquirem visibilidade institucional. (DUARTE, 2011, p.1)

A legitimação da literatura afro-brasileira nas escolas aconteceu de modo tardio, apenas a partir de 2003, quando a lei nº 10.639/03³ foi aprovada, na qual obrigatoriamente os assuntos de história e cultura afro-brasileira eram inclusos na educação de ensino básico. Esse é ainda um espaço de representação que apenas teve oportunidade de trazer representatividade apenas quando a lei foi aprovada, tendo em vista que ainda é uma luta que não acabou devido o nosso contexto histórico. Ainda nos deparamos enquanto profissionais da educação com livros didáticos que naturalizam a escravidão e com a imagem da mesma pela visão do colonizador, abre-se a oportunidade de espaço através da lei implementada, para que essas visões sejam ampliadas pelo olhar do outro

Conceição Evaristo, em *Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, faz importantes pontuações acerca da notoriedade da escrita e representatividade negra na literatura afro-brasileira. O questionamento tem como base o *corpus* literário, o pensar, fazer e agir daquela literatura para o espaço de representatividade, ela nos afirma que a vivência de um negro e o transpassar para escrita tem uma carga bem mais específica além do subjetivo, como a física explica *tudo depende do referencial*, há quem observe o referencial de estudo ou quem seja o próprio estudo. Cita Evaristo:

Esse *corpus* se constituiria como uma produção escrita marcada por uma subjetividade construída, experimentada, vivenciada a partir da condição de homens negros e de mulheres negras na sociedade brasileira. Contudo, há estudiosos, leitores e mesmo escritores afrodescendentes que negam a existência de uma literatura afro-brasileira. Apegam-se à defesa de que a arte é universal, e mais do que isso, não consideram que a experiência das pessoas negras ou afro-descendentes possa instituir um modo próprio de produzir e de conceber um texto literário, com todas as suas implicações estéticas e ideológicas. (EVARISTO, 2009, p.17)

É importante ressaltar essa fala devido ao fato do que chamamos de ponto de vista, pois Conceição Evaristo deixa claro que existem sim fatores que unem a literatura afro-brasileira em seus diversos âmbitos e gêneros, mas que o ponto principal é a resistência e representatividade, nos quais pesos e olhares diferentes na construção de um texto afro literário.

Tais críticas são ressaltadas devido ao âmbito masculinizado tanto branco quanto negro, presente na literatura afro-brasileira, onde o *corpus* foi moldado ao longo dos anos. Apenas através disso inicia as lutas por espaços femininos, nos quais se utilizaram desse meio para evidenciar várias cicatrizes históricas e cotidianas, sendo possível uma denúncia, um rasgo na máscara do silêncio, por sua pele e principalmente por seu corpo, que dentre tantos foi e ainda é um dos mais violados e sexualizados, dentro e fora do país. Tendo em vista todas essas pautas levantadas, a literatura afro-brasileira permite construir identidades, de acordo com vivências, memórias de vários ângulos possíveis, seja de quem testemunhou relatos e ou vivenciou o racismo e a violência na pele.

2.2 Lugar de fala e literatura de resistência

O lugar de fala é um termo de origem imprecisa, mas que se faz necessário, onde principalmente, em uma sociedade de origem patriarcal do homem branco, de raiz colonizadora,

³ A Lei 10.639/2003 questiona o currículo oficial. É por meio dele que se escolhem as prioridades do que ensinar ou não na escola e, por isso, houve uma naturalização de seus conteúdos como uma representação da verdade. O currículo é âmbito de construção política de representações oficialmente aceitas – de mundo, de sociedade, de pessoas –, das quais se entende que todo cidadão deva apropriar-se, dada a obrigatoriedade de frequência na Educação Básica no Brasil. (ANTONIO, p.57)

possa ter espaço para a voz do outro. O termo tem sido muito utilizado nos dias atuais para demarcar o lugar social dos sujeitos. o mesmo marca dois tipos de lugares; são eles: o de privilégio e os de opressão.

Uma das figuras importantes é Sojourner Truth, nome adotado por Isabela Baumfree, ativista e abolicionista negra, ex-escrava negra, conhecida por sua fuga em 1826, mas também por sua trajetória de ativismo. Truth em seu discurso “Ain't I a woman”, pronunciado na Convenção dos Direitos da mulher em Akron, questionava “não sou uma mulher”, por atitudes que o homem julgava mesma não ser capaz, pelo simples fato dela ser mulher. Em seu discurso ela deixa bem evidente a forma que a sociedade impõe um estereótipo de fragilidade nas mulheres e as condicionam a uma posição submissa aos mesmos:

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda esta falação?

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?

E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da platéia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida?

Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele.

Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam.

Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer. (TRUTH, 1851)

A partir de tais concepções podemos atestar, que o homem não tem lugar de fala para dizer o que é ser mulher, tendo em vista que ele é do sexo oposto. Ainda nesse mesmo contexto, a mulher branca não pode afirmar o que é ser mulher negra, pois as realidades e a vivência são diferentes. O elo que as une é apenas o de gênero; o que as difere é a questão de raça. Isso não impede que a mulher branca fale sobre mulheres negras, desde que reconheça o seu lugar e seu contexto histórico, como Conceição Evaristo pontua:

Do mesmo modo, penso a nossa condição de mulheres negras em relação às mulheres brancas. Sim, há uma condição que nos une, a de gênero. Há,

entretanto, uma outra condição para ambas, o pertencimento racial, que coloca as mulheres brancas em um lugar de superioridade – às vezes, só simbolicamente, reconheço – frente às outras mulheres, não brancas. E desse lugar, muitas vezes, a mulher branca pode e pode se transformar em opressora, tanto quanto o homem branco. (EVARISTO, 2019, p.18)

Autorização discursiva é algo importante a se pontuar, de modo que o lugar de fala não se restringe apenas a vivências, mas também de representatividade; essa autorização é poder falar sobre determinado assunto, mesmo que não pertença àquele lugar de fala, mas compreendendo o seu lugar social e dando a oportunidade de diálogos e de um espaço de representação. Uma confusão comum é do significado de lugar de fala propriamente dito que já foi citado anteriormente com representatividade, como Djamilia Ribeiro pontua em sua obra “Lugar de fala”:

Quando falamos de direito à existência digna, à voz, estamos falando de *locus* social, de como esse lugar imposto dificulta a possibilidade de transcendência. Absolutamente não tem a ver com uma visão essencialista de que somente o negro pode falar sobre racismo, por exemplo. (RIBEIRO, 2017, p.36)

A representatividade, por sua vez, desempenha um papel importante, tendo em vista o contexto histórico do nosso país. Sabemos que apesar da miscigenação, a parcela negra da população sofre com a herança colonial, onde há grandes demarcações de hierarquização social, como consequência o racismo, a marginalização de muitos lugares sociais diferentes que são oprimidos. Esse espaço de representação se faz necessário para dar voz aos marginalizados e oprimidos durante séculos, permitindo que até os próprios privilegiados reconheçam o seu lugar seja de privilégio ou de opressor, a fim de que se encontrem maneiras de mudar e acabar com a desigualdade, seja ela qual for. Logo, a importância de ocupação no centro de poder.

Lembrar, resistir e viver o lugar de fala, sendo a voz que opina do olhar do outro para o outro, a partir de seu lugar social, é introduzido na literatura como uma voz ativa para a resistência. Algumas partículas dessa literatura são trabalhadas a partir da memória, a qual a mesma possa ser de resistência ou até a resistência possa construir a memória. Sendo assim, o conceito de resistência:

[...] é o ato ou efeito de resistir, é uma força que se opõe a outra, que não cede a outra. É uma força que defende um organismo do desgaste; luta em defesa, oposição e reação a uma força opressora; vigor, moral, ânimo. Força que se opõe ao movimento de um sistema. Embarço, estorvo, obstáculo, empecilho” (AURÉLIO, pag. 1223)

A literatura, como foi citado anteriormente, foi e é um espaço para ecoar vozes que necessitam ser escutadas. Sendo assim, é palco para a resistência e um traço forte e marcante dessa literatura é a memória. Transferir a vivência para a literatura é de extrema importância para o contexto histórico. Atrelar a memória à resistência é defender, recuperar e ou constituir um saber assim como Shilling pontua sobre memória da resistência:

A resistência seria uma defesa de nosso direito de constituir a nossa própria lei, e tal constituição passa por defender, recuperar, constituir um saber, seja esse próprio, seja um saber do ofício, um saber do estilo de vida e das relações que desenvolvemos, ou, ainda, saber da experiência, de defender, recuperar, construir o próprio tempo. (SHILLING, 1991, p.148)

Para tais ocupações no centro de poder hoje, importante foi movimento feminista, movimento que luta por igualdade e uma sociedade sem hierarquia de gênero, a primeira movimentação pelo menos datada foi a luta pelo voto na Inglaterra durante o século XIX; o grupo de mulheres ficou conhecido como Sufragistas, mulheres operárias e algumas de classe média, se uniram pelo direito de voto. Contudo, no decorrer da luta, aconteceram muitas prisões, greves e mortes, uma delas ocorreu quando uma sufragista chamada Emily Davison se atirou na frente de um cavalo do rei, mas apenas 5 anos depois do ocorrido, o direito ao voto às mulheres foi concedido no Reino Unido.

No Brasil, a primeira onda feminista ocorreu no ano de 1910, também movida a luta de operárias pelo voto. Foi criada a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino em 1927. Apesar de vários esforços essa luta no Brasil e em outros países perderam força na década de 30, retornando ao cenário social apenas quando surge uma nova onda movida pelo manifesto segundo sexo de Simone de Beauvoir, no final da década de 40. É importante ressaltar que o feminismo apesar de lutar por direitos femininos ele também possui vertentes diferentes. Um pouco adiante, poderemos observar a diferença entre o feminismo e o feminismo negro.

O feminismo negro surge na década de 1980, com Nubia Moreira no III Encontro feminista latino-americano, o movimento surge com a necessidade de visibilizar as mulheres negras dentro e fora do movimento, tendo em vista que elas foram silenciadas até pela própria luta feminista. A política do silenciar também é um traço marcante nessa luta, como mostra Djamila Ribeiro, em “Feminismo negro um novo marco civilizatório”. Ela pontua que o aumento de assassinatos de mulheres negras aumentou 55% desde tais reivindicações.

O silêncio em relação à realidade das mulheres negras não a coloca como sujeitos políticos. Um silêncio que, por exemplo, faz com que nos últimos 10 anos tenha diminuído o assassinato de mulheres brancas em quase 10% e aumentado em quase 55% o de mulheres negras, segundo o Mapa da Violência de 2015.¹¹ A falta de um olhar étnico-racial para políticas de enfrentamento a violência contra a mulher (RIBEIRO, 2016, p.102)

A pluralização desse movimento é possibilitada através da *interseccionalidade*, assim podemos entender as múltiplas faces de um movimento e poder reivindicar direitos para lutar contra o racismo e sexismo.

O Brasil é um país que, por mais diversificado em raça, é um dos que mais reproduzem a idealização do corpo feminino negro e um dos que tem um alto índice de feminicídio, de acordo com pesquisas da Alto Comissariado das Nações Unidas para os Direitos Humanos (ACNUDH). O Brasil ocupa o 5º lugar de país que mais mata e mais violenta mulheres, e a porcentagem é muito maior quando se trata de mulheres negras.

Em uma matéria do portal do grupo Geledés, baseada na morte de Yasmin Costa dos Santos, mulher negra, 19 anos, estudante de Física pela UFS, morta a facadas, por seu namorado, Sueli Carneiro mostra que além da mulher ser o grupo de indivíduos mais atingidos por violência, seja ela qual for (gênero, sexual, moral) o racismo tem grande parcela, pois é um potencializador de todos esses tipos de violência, acarretando em tragédias como o feminicídio. O homem por sua vez é o principal culpado de tais tragédias, tende agir com violência, já com total influência de uma sociedade patriarcal, racista e sexista, que precisa ser interrompida. Em dados citados pelo portal Geledés:

Em relação à cor das vítimas, o estudo constatou queda no número de homicídios de mulheres brancas, que cai de 1.747 vítimas em 2003 para 1.576 em 2013, o que representa queda de 9,8% no total de homicídios no período. No mesmo período, constata-se aumento de 54,2% no homicídio de negras, passando de 1.864 para 2.875 vítimas. Durante a vigência da Lei Maria da

Penha, é apurada queda de 2,1% do número de homicídio de brancas, ao passo em que houve aumento de 35% do homicídio de mulheres negras. (GELEDÉS, 2017)

Um exemplo dessa violência é a personagem Maria, do conto homônimo de Conceição Evaristo, que foi linchada até a morte dentro de um ônibus, por ser acusada de cúmplice dos ladrões. A sociedade é preconceituosa quando se trata do empoderamento feminino negro, principalmente quando se tem mulheres negras no poder. Um caso recente de 2018, ainda não solucionado, foi o de Marielle Franco, mulher, negra, eleita a vereadora do Rio de Janeiro, durante as eleições, que na volta de um encontro para um debate de mulheres negras, foi morta no dia 14 de março de 2018, com 13 tiros, um crime ainda sem respostas.

Marielle ficou conhecida por seu ativismo e denúncias sobre a violência policial no morro da Maré, no Rio de Janeiro. Dois acusados por sua morte foram presos, mas quem realmente mandou matar Marielle, ninguém sabe. Sua morte ganhou uma proporção atravessando fronteiras; várias manifestações foram feitas e a pergunta que não quer calar, ainda é “Quem mandou matar Marielle?”

3 CONCEIÇÃO EVARISTO: O OLHAR SOBRE A MULHER NEGRA

Mulher negra, nascida em 29 de novembro 1946, em Belo Horizonte, Maria da Conceição Evaristo de Brito, filha de Joana Josefina de Evaristo que era lavadeira, irmã de Maria de Lourdes Evaristo, Maria Inês Evaristo, Maria Angélica Evaristo, criadas por seu padrasto, seu pai sempre fora ausente, a vida cheia de desafios e dificuldades, ainda assim Conceição conciliou seu trabalho e dedicou-se aos seus estudos. Formada pela UFRJ em Letras, tem como base em suas pesquisas a literatura afro-brasileira. Uma grande questionadora do corpus literário e das formas estereotipadas da representação do negro na literatura, suas obras reúnem contos e romances, de mulheres negras na sua maioria e sempre com personagens negros.

Conceição Evaristo inicia sua escrita na série *Cadernos Negros*, na década de 90, onde publica seus primeiros contos. Seu primeiro romance foi publicado em 2003 intitulado *Ponciá Vicêncio*, uma de suas obras mais importantes que se tornou símbolo de resistência na denúncia de um cenário de pobreza, abrindo portas para várias pesquisas acerca de sua obra. Suas personagens no geral servem como pontos de referência e símbolos de resistência, com grande repercussão de suas obras, Conceição Evaristo expandiu sua literatura para outros países, Alemanha, Europa, França, entre outros. Também autora de outro romance, “*Becos da memória*”, a autora resgatou escritas e reuniu em sua obra publicada em 2018, chamada “*Cartas negras*”, onde reuniu cartas trocadas com autoras negras no início dos anos 90, a obra lhe rendeu o Prêmio de literatura do Governo de Minas Gerais.

Conceição reúne também 15 contos em sua obra *Olhos d'água*. Todos os contos intitulados com nomes femininos, assim dando voz as vivências de suas personagens, em situações diferentes em seu cotidiano, porém todos os símbolos de luta, resistência, vítimas da sociedade sexista, racista e assassina. Muitas perdem suas vidas no final dos contos, principalmente Maria que tem sua vida arrancada da forma mais brutal possível.

O termo “escrivência” parte da própria Conceição Evaristo quando ela aborda sobre sua própria escrita, a qual mistura a ficção, com relatos extraídos da memória, de vivências de mulheres que foram silenciadas de alguma forma pela sociedade, e de memórias próprias. Em uma entrevista a PUC-RIO, parafraseando a autora, ela afirma que a mulher negra ainda é estereotipada na literatura e que a escrita por mulheres negras é de extrema importância, para que seja possível o resgate da humanização e para borrar esse estereótipo que a sociedade impõe, a “escrivência” de Evaristo é um conjunto de subjetividades, que está ligada a coletividade negra.

Evaristo traz uma brutalidade poética, mas que é a verdade de uma sociedade desigual. Muitas autoras como Lélia Gozalez, Djamila Ribeiro, a própria Conceição, falam daquele símbolo da escravidão, da máscara que colocam nas escravas para que as silenciem, e que aquele símbolo horrendo hoje é maquiado em nossa sociedade brasileira, e a literatura negra, vem rasgar essa máscara.

Vencedora do Prêmio Jabuti em 2015, Conceição Evaristo ao todo tem dez obras individuais; são elas: Ponciá Vicêncio (2003), Becos da Memória (2006), Poemas da recordação e outros movimentos (2008), Insubmissas lágrimas de mulheres (2011), Olhos d'água (2014), Histórias de leves enganos e parecenças (2016), Azizi, o menino viajante (2017), Canção para ninar menino grande (2018), Não me deixe dormir o profundo sono (2020) "*Fio de prumo*". Um piano Yá Dulcina (2020). Ainda em sequência possui participação em outras obras como a série Cadernos Negros como já foi citado anteriormente no período de 1990-2011, Contos Afros (Quilombhoje), Contos do Mar sem fim (Editora Pallas), Questão de pele (Língua Geral), *Schwarze prosa* (Alemanha, 1993), Moving Beyond Boundairies: Internacional dimensiono f black women's writting (1995), Women righting- Afro brazilian Women's short Fiction (Inglaterra, 2005), entre outras várias obras.

Conceição Evaristo é uma das mais importantes escritoras negras, em nosso país. Sua escrita, vivência, sua crítica do falar e agir, traz a nós uma perspectiva de esperança sobre os espaços que foram roubados historicamente, e mostra a importância de ocupação nos centros de poder e que pela voz de Conceição possa possibilitar a pluralização de tantas vozes que foram silenciadas.

4 MARIA: A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL

A pobreza no país ainda é cotidiana do brasileiro; cerca de 13,2 milhões de pessoas vivem em situação de pobreza no Brasil. Maria é um conto construído com base na realidade da mulher negra e pobre no Brasil, e das suas várias formas de silenciamento, seja por uma subordinação ainda enraizada por classe social, cor, gênero ou morte, elevando o número de feminicídio e de violência contra mulher negra no país. Neste conto, foi possível analisar de início a simbologia do nome Maria⁴, por sua referência bíblica a Maria mãe de Jesus Cristo, onde trata-se de uma mulher humilde, que passou por várias dificuldades para ter e criar seu filho.

O conto retrata a memória afetiva em evidência, na qual é demarcada em tempo psicológico e ao mesmo tempo cronológico com a espera de Maria pelo ônibus ao sair da casa da sua patroa, na qual trabalhava com afazeres domésticos⁵ onde a personagem se pergunta se seus filhos gostam de melão, quando a patroa lhe dar as sobras do almoço de domingo. A frase se torna repetitiva em pensamento de maneira que essa voz seja apenas escutada pela própria personagem:

A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir o nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e

⁴ O nome Maria origina-se da forma hebraica Myriam, cujos significados são soberanos e fortes, corresponde à forma latina atribuída à mãe de Jesus, tornou-se popular com a propagação do Cristianismo e é muito empregado para nomear mulheres. (BALISA, DAVID. 2017, P.79)

⁵ No Brasil, o trabalho doméstico é uma das profissões mais antigas, com 467 anos de existência marcados pela violência institucional. Desse total, 343 anos foram de trabalho escravo; o fim da escravidão parcial (Lei Áurea) obrigou os/as negros/as a trabalhar por mais 48 anos a troco de comida ou por uns trocados [...] (SOUZA, 2013, p. 67)

havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos gostavam de melão? (EVARISTO, 2016, p.39)

No ônibus, a caminho de casa se depara com o pai de seus filhos, resgatando sentimentos de saudade através da memória, o rompimento desse encontro definiria seus próximos minutos de vida e ali evidenciando o que os separava, uma vida “mais fácil” através do crime e uma vida árdua através da subordinação, vivendo de sobras e gorjetas, na qual seria interligada e cortada por escolhas e preconceito social, onde a cor foi criminalizada pelo preconceito social, onde podemos observar:

Quando o ônibus apontou lá na esquina, Maria abaixou o corpo, pegando a sacola que estava no chão entra as suas pernas. O ônibus não estava cheio, havia lugares. Ela poderia descansar um pouco, cochilar até a hora da descida. Ao entrar, um homem levantou lá de trás, do último banco, fazendo um sinal para o trocador. Passou em silêncio, pagando a passagem dele e de Maria. Ela reconheceu o homem. Quando tempo, que saudades! Como era difícil continuar a vida sem ele. Maria sentou-se na frente. O homem assentou-se ao lado dela. Ela se lembrou do passado. Do homem deitado com ela. Da vida dos dois no barraco. Dos primeiros enjoos. Da barriga enorme que todos diziam gêmeos, e da alegria dele. Que bom! Nasceu! Era um menino!” (EVARISTO, 2016, p. 40)

Devido a esse encontro e um breve diálogo mesmo que em sussurros, a saudade daquele homem, reacendeu em sua memória o seu filho, o qual ele também sentira falta, mas que por sua condição de vida preferiu deixar sua mulher e filho para trás, mas carregando saudades em seu coração; mostra que aquele sentimento nunca morrerá:

Ele continuava o mesmo. Bonito, grande, o olhar assustado não se fixando em nada e em ninguém. Sentiu uma mágoa imensa. Por que não podia ser de outra forma? Por que não podiam ser felizes? E o menino, Maria? Como vai o menino? cochichou o homem. Sabe que sinto falta de vocês? Tenho um buraco no peito, tamanha a saudade! Tou sozinho! Não arrumei, não quis mais ninguém. Você já teve outros... outros filhos? A mulher baixou os olhos como que pedindo perdão. É. Ela teve mais dois filhos, mas não tinha ninguém também! Homens também? Eles haveriam de ter outra vida. Com eles tudo haveria de ser diferente. Maria, não te esqueci! Tá tudo aqui no buraco do peito [...] (EVARISTO, 2016, pág.40)

Logo aquela conversa foi estacionada por um assalto, o seu ex companheiro e pelo comparsa que estava no fundo do ônibus, pedindo todos os pertences dos passageiros enquanto o motorista seguia viagem, porém por um minucioso detalhe a vida de Maria foi posta em risco, todos menos ela, foram assaltados naquele ônibus, mesmo assim no fim, ela não via aquele homem como assaltante, mas como o pai do seu filho e seu sentimento de medo e saudade se misturam em um mesmo rompante, mas logo isso é interrompido, por um dos passageiros que ligeiramente a aponta como cúmplice:

Foi quando uma voz acordou a coragem dos demais. Alguém gritou que aquela puta safada conhecia os assaltantes. Maria assustou-se. Ela não conhecia assaltante algum. Conhecia o pai do seu primeiro filho. Conhecia o homem que tinha sido dela e que ela ainda amava tanto. Ouviu uma voz: Negra safada, vai ver que estava de coleio com os dois. Outra voz ainda lá do fundo do ônibus acrescentou: Calma gente! Se ela estivesse junto com eles, teria descido também. Alguém argumentou que ela não tinha descido só para

disfarçar. Estava mesmo com os ladrões. Foi a única a não ser assaltada. (EVARISTO, 2016, p.42)

E com toda aquela confusão foram proferidas ofensas sobre sua pele, por ela ser mulher, o motorista ainda tentou argumentar que ela era conhecida e que pegava aquele ônibus todos os dias, mas assim como a Maria, ninguém o escutou. E aquilo só foi piorando até que começaram a linchar ela ali no chão do ônibus, e os passageiros começaram a agredi-la; Maria já colocava sangue pela boca e nariz:

Aquela puta, aquela negra safada estava com os ladrões! O dono da voz levantou e se encaminhou em direção a Maria. A mulher teve medo e raiva. Que merda! Não conhecia assaltante algum. Não devia satisfação a ninguém. Olha só, a negra ainda é atrevida, disse o homem, lascando um tapa no rosto da mulher. Alguém gritou: Lincha! Lincha! Lincha!... Uns passageiros desceram e outros voaram em direção a Maria. O motorista tinha parado o ônibus para defender a passageira: Calma, pessoal! Que loucura é esta? Eu conheço esta mulher de vista. Todos os dias, mais ou menos neste horário, ela toma o ônibus comigo. Está vindo do trabalho, da luta para sustentar os filhos... Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arrebentado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos gostam de melão? (EVARISTO, 2016, p.42)

E a vida de Maria foi ali cortada a faca a laser⁶, por ter trocado poucas palavras mesmo que em sussurros com seu ex companheiro, por ser mulher, por ser negra, nesse país que mesmo com tanta diversidade, o sexismo e racismo é tão presente e por muitas vezes tão naturalizado: Tudo foi tão rápido, tão breve. Maria tinha saudades do seu ex-homem. Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas-laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher já estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho. (EVARISTO, 2016, p. 42)

Conceição Evaristo nos traz um relato, por meio da ficção, da realidade de tantas mulheres em nosso país, e faz questão de deixar claro o nosso contexto social. Quantas Marias não foram mortas, em esquinas, dentro de casa, foram violentadas psicologicamente, moralmente, sexualmente, linchadas até a morte, silenciadas por uma sociedade hipócrita, maquiada.

O conto aqui descrito é um espaço conquistado, por tantas vozes que foram silenciadas, mesmo com seus detalhes dolorosos de uma mãe que foi morta brutalmente no caminho de casa, a qual só queria entregar o remédio de seus filhos e os melões que a patroa a havia dado, que o acaso a fez encontrar a sua paixão e sua morte em uma única condução.

A literatura de Conceição Evaristo nos prova que por mais que a sociedade tente calar uma voz que grita a séculos por socorro e justiça, pode ecoar de diversas formas, e hoje mais que nunca são modos de gritar e rasgar finalmente essa máscara e clamar por liberdade, reconhecimento e principalmente humanidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶ O termo faca a laser fora utilizado pela autora como metáfora, de maneira a relacionar com a ignorância da sociedade.

Através dessa pesquisa, podemos concretizar que a luta por espaço em um país mesmo que miscigenado, ainda impera um contexto patriarcal e de traços colonialistas, que impunha uma hierarquia social, mesmo que por vezes silenciosas ou outras totalmente escancaradas, onde um dos mais ridículos pronunciamentos de um chefe de estado é dizer que não existe racismo no Brasil, mesmo os números de assassinatos aumentando cada vez mais. No qual a mulher ainda tem seu corpo sexualizado pela mídia, pelo exterior, como símbolo de “diversão e entretenimento”.

Sendo o Brasil o 5º país em índice de feminicídio mundial, os debates que foram inseridos aqui, se tornam de extrema importância para a sociedade abrir espaço ao diálogo acerca do que realmente acontece, no país do carnaval, no país tropical, onde corpos são sexualizados, violentados, esfaqueados em praças públicas, em esquinas, em casa, no ônibus, em todos os lugares que se deixa brecha para a violência e o silenciamento, onde o corpo que dizem ser frágil é o mais forte que tem, o que aguenta a dor do parto, horas de trabalho, noites sem dormir, aquele que gera a vida, que tira da própria boca para alimentar os seus, que prefere morrer de fome, mas que seus filhos permaneçam fortes para sobreviver.

As vozes de mulheres negras, ocupando espaços de poder se tornam necessários, de extrema urgência, Conceição Evaristo, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Lélia Gonzales, dentre tantas mulheres fortes que ocupam esse lugar de fala incrível e nos possibilita, refletir e tomar atitudes para lutar e a cada dia tornar mais legível essa luta.

De caráter qualitativo, podemos compreender essa reflexão acerca do conto “Maria”, de Conceição Evaristo onde a mulher periférica é representada em contexto cotidiano de trabalho, submetida à submissão de uma sociedade racista, na qual fez alusão a sua cor e gênero, para associar a marginalização no geral, assim cortando sua vida a faca laser, da forma mais brutal e crua a ser dilacerada a vida, o conto entretanto mesmo demonstrando uma forma de silenciamento, escancara a realidade em nossos olhos e nos faz parar, perder o fôlego, e refletir no que pode ser feito, mudado, pautado e somar forças para que um dia isso finalmente acabe.

A pesquisa tem o intuito de compreensão, reflexão e abordagens de temas cotidianos do nosso país, através de materiais baseados em lutas, movimentos e espaços de representação e identificação de lugar social e lugar de fala, assim possibilitando a intersecção para a pluralização de conhecimentos acerca dos temas abordados.

A literatura é resistência, é voz, é poder, que esse espaço seja ocupado e resistente até que se tenha memória e relatos vivos para perpetuar a verdadeira história.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polén, 2019. 152 p.112 (Feminismos Plurais).

BALISA, Fernanda Francisca; DAVID, Nismária Alves. **A violência contra a mulher negra no conto “Maria”, de Conceição Evaristo.** Litterata, Ilhéus, vol. 7/1, jan.-jun. 2017, ISSN 2526-4850.

BERND, Zilé. **Introdução à literatura negra.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BETTINE, Marcos Antonio A.; SANCHEZ, Livia Pizauro. **Implementação da lei 10.639/2003- Competências, habilidades e pesquisas para a transformação social.** V.28, n.1, jan. / abr. 2017.

CARNEIRO, Sueli. **Yasmim Costa e o feminicídio que mata mais as mulheres negras no Brasil.** Geledés, 2017. Disponível em link: <https://www.geledes.org.br/yasmin-costa-e-o-femicidio-que-mata-mais-mulheres-negras-no-brasil/> ; Acesso: 03/04/2021.

DUARTE, Eduardo Assis. **Por um conceito de literatura afro-brasileira;** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2011.

EVARISTO, Conceição. **Literatura negra: Uma poética de nossa Afro-brasilidade.** Scripta, Belo Horizonte, V.13., n.25, P. 17-31, 2 sem. 2009.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d’água;** 1 ed. Rio de Janeiro; Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário da Língua Portuguesa;** p.1223, ed. Nova fronteira.

GOMES, Nilma Lino. **Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. BRASIL;** Ministério da Educação (Org.). Educação anti-racista: caminhos abertos pela lei Federal nº 10.639/03. Brasília: SECAD, 2005 Disponível em: <<https://goo.gl/M2Yc9j> >. Acesso em: 08 abril 2021.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 12 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia.** In: Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira [S.l: s.n.], 2004.

RODRIGUES, Douglas de S.; **A mulher negra no contexto da literatura afro-brasileira: A escrita de si e a reinvenção do sujeito negro feminino.** Grau zero- Revista de crítica Cultura, V.3, n.1, 2015, p.77.

RIBEIRO, Djamila. **O que é empoderamento Feminino?;** Blog Cartacapital, 25 setembro, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?;** Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificandi, 2017, (Feminismos plurais).

RIBEIRO, Djamila. **Feminismo negro para um novo marco civilizatório;** Revista Internacional de Direitos Humanos, novembro de 2016.

SHILLING, Flávia. **Memória da resistência ou a resistência como construção da memória; Estudos sobre resistência**. Campinas/SP: UNICAMP, 1991.

SOUZA, Claudenir de. **Mulheres negras contam sua história. Brasília: Presidência da República, Secretaria de Políticas para as Mulheres**, 2013. Disponível em: <www.seppir.gov.br/assuntos/Livromulheresnegrascontamsuahistoria.pdf>. Acesso em: 03 de abril 2021.

AGRADECIMENTOS

Através desse espaço deixo meu profundo e sincero agradecimento, primeiramente a Deus, por toda essa jornada que sabemos que nunca foi fácil, mas que diante de tudo consegui concluir mais uma etapa da minha vida, a meu pai que sempre apostou na minha educação e sempre me incentivou a fazer o que amo, minha mãe que por mais que o tempo tenha nos afastado, mas me mostrou um mundo lindo da leitura e da educação, minha avó que sempre esteve comigo me apoiando e me dando forças com seu coração gigante, a minha família por completa, dedico a minha irmã Ruth, que me dá a oportunidade de ensinar a ver o mundo diferente a cada dia que passa, minha madrastra que me ajudou em momentos cruciais, sempre contagiando com sua alegria, aos meus avós que apesar da distância sempre tiveram participação seja no início e nos momentos finais, aos meus primos Gedean, Erik, Eron, Alex, Francianny, que sempre me incentivaram a estudar, aos meus tios e tias que me abriram caminhos e me ajudaram na caminhada, a João Antônio meu primeiro aluno.

Aos meus amigos de jornada acadêmica da minha turma 2016.1, aos que permaneceram do início ao fim, Ruth, Rawane, Daniel, Eduardo, Janiele, Eduarda, Ana Virginia, Vitória Regina, as minhas companheiras do Coletivo Violeta Formiga Bianca, Dani, France, Gabi, Joelma, Olivia, Selton, Diogo, Jam, Karol e Eli que por anos acadêmicos me mostraram um mundo de possibilidades, assim eu pude me amar e aceitar-me do jeito que sou, aprender a cada dia a respeitar e amar cada um de sua maneira e lutar, levantar bandeiras, conhecer novas culturas e sempre lutar por um mundo melhor, a Gabi F. essa pessoa maravilhosa que por dias e noites tem me acalmado e me apoiado em tudo, meu carinho e amor por você, a Ana Paula que sempre me apoiou e vibrou comigo, ao Coletivo Pretas por proporcionar discussões e espaços de representação na faculdade. Não poderia esquecer das minhas companheiras de residência pedagógica Wanessa, Professora Joseane, Professora Edilma, a escola Agripino que me acolheu durante 18 meses e me proporcionou as melhores experiências e me fez amar minha profissão, A todes que sempre me acolheram de braços abertos e me abriram as portas para a sala de aula.

Agradeço a minha orientadora Rosangela pela oportunidade, paciência comigo, apesar dos contratemplos nunca soltou minha mão e pode me dá essa oportunidade linda; Agradeço a uma pessoa que infelizmente não está entre nós, mas que me inspirou em suas aulas e também na pesquisa, a professora Rosilda, grande mulher e uma professora incrível; obrigada a minha banca examinadora que aceitou o convite, sem vocês isso também não seria possível. Aos meus queridos professores que nos acompanharam do início ao fim, alguns apenas de passagem rápida, mas que deixaram marcas inesquecíveis, momentos de reflexão, empatia, aprendizado e sobretudo amor por nosso curso. E a UEPB, que sempre foi um lar para mim, pude crescer, me reconstruir, fiz lindas amizades e uma jornada incrível.

E por fim agradeço a mim, que de tantas batalhas eu consegui finalizar uma parte importante da minha vida e consegui alçar um voo que não imaginaria ser capaz, e lembrar que independente de tudo, somos uma grande poesia interminável. E como diz Guimarães Rosa “O correr da vida embrulha tudo. A vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”